

14-08-2026

SEM LUZ e com MURIÇOCA

Alberto Jucelino Pereira Junior

[Advogado Sanitarista, doutor em Saúde Pública/Ensp, Membro do GE MultiVisat]

O GE do dia 29/07/26, começou com o cansaço do fim da labuta, o calor e, devido a ventania que nos assolou, com falta de luz e ameaça das muriçocas. Alex abriu dando as boas-vindas e apresentando João Carlos (John), autor do livro *Ler o mundo pelo trabalho: a vida, o tempo e a existência da classe trabalhadora*, que esclareceu que a obra nasceu de outros textos da coluna opinião, fruto da parceria entre o GE Multivisat e o Dona Alzira, uma rede de amizades e leituras que o acompanha há anos. Contou que sua escrita vinha da memória, das leituras, das reflexões teóricas e, sobretudo, de sua trajetória como filho da classe trabalhadora, migrante nordestino, formado pela escola pública. Falava com a voz de quem sabe que cada texto carrega um pedaço de vida, semelhante a muitos de nós, que também trazemos essa marca em nossos textos. Explicou que a escrita surgiu quase como uma brincadeira entre amigos e foi ganhando densidade, responsabilidade e sentido. Mencionou a professora Glaucimeire, que o ajudou a compreender a importância da leitura e da escrita, e revelou que: *‘às vezes uma vida inteira muda por causa de uma pessoa que nos apresenta uma porta.’* Disse que o título não era apenas uma escolha estética, mas uma síntese de sua existência. O trabalho não é tema lateral: é eixo, é lento, é chão. As crônicas nasceram de cenas concretas: uma viagem para Jataí, uma paisagem observada da estrada, um debate sobre inteligência artificial, uma lembrança da família, uma conversa com colegas. E é aí que sua fala nos toca, como leitores, ao mostrar que escrever não é fugir do mundo, mas mergulhar nele com amor e atenção. Alex lembrou o momento de “pendurar as chuteiras”, a experiência do corpo envelhecido, o desejo de continuar praticando esporte, o sonho e o limite, o prazer e a frustração. Com uma ironia carinhosa, fez uma pergunta séria: o que acontece com os sonhos do corpo trabalhador quando a realidade econômica e social impõe barreiras? Rosemar, emocionada, disse que o livro parecia ter sido arrancado da alma, porque era isso mesmo que muitos ali pareciam sentir: que as crônicas tinham algo de carne viva, de memória aberta, de ferida e de cuidado. Enfatizou que a maior riqueza do livro estava na presença do pai, da mãe, da família, da vida cotidiana. Afirmou que John, sem pai e mãe, talvez não fosse o homem que é hoje. Claudionor trouxe a memória, o sofrimento e a literatura. Falou do valor de transformar vivência em texto e pediu que John comentasse o texto sobre o migrante, lembrando que a história de seu pai ressoa em muitas famílias brasileiras. Raquel disse reconhecer a coragem de John ao escrever, se expor e rasgar-se por dentro. Foi fígada no texto: *Quanto custa uma palavra*. Lembrou de Paulo Freire e sua ideia de que ler o mundo antecede a leitura da palavra, sem que uma elimine a outra.

Rosângela fez um elogio que foi quase uma definição ética do trabalho de John. Disse que ele não escreve para impressionar, mas para ser entendido. Chamou-o de “escrevinhador”, alguém que escreve para trabalhadores, para leitores comuns, para quem precisa que a palavra seja ponte e não obstáculo. Destacou o texto *A morte veste verde* como um dos textos mais fortes, por mostrar o campo, a paisagem e suas contradições de maneira viva. Norma, emocionada, falou do esforço que é escrever para quem trabalha e explicou que trabalhadores quase nunca têm tempo para sentar, parar, organizar ideias e transformar vivência em texto. Disse que tem vários relatos guardados em papéis e cadernos e que só agora começa a reconhecê-los como escrita. Destacou uma ferida comum: quantas histórias se perdem porque quem as vive não tem tempo, condições ou confiança para registrá-las! Nesse aspecto o GE está na contramão, pois todos podem falar e escrevinhar. Damiana destacou o seu crescimento como cronista. Disse que o livro tem potencial pedagógico e sociológico. A crônica que dá nome à obra lhe permite discutir precarização, vulnerabilidade e trabalho em sala de aula. Rafael disse que ainda não se via como escritor, mas que admirava a trajetória de todos. Valdir perguntou o que ainda pode ser escrito sobre a escola, provocando sobre o papel da educação em sua obra. Rodrigo lançou uma pergunta que ficou ecoando na sala: o que o mundo do trabalho não lê? Essa questão abriu espaço para pensar os limites da categoria trabalho como chave explicativa total. Dimitri trouxe um testemunho forte sobre o adoecimento na universidade e sobre como a escrita e a leitura podem funcionar como alívio. Destacou o valor do grupo, da troca de afeto e convivência semanal, como se dissesse que ali não há apenas debate intelectual, mas uma pequena comunidade de resistência. Euzemar contou que comprou o livro para usar com seus alunos, mostrando que a obra já estava saindo da reunião para entrar na escola. Hellen falou de sua admiração e da força que sente ao vê-lo produzir mesmo diante da sobrecarga do trabalho. Sônia fez uma leitura afetiva do texto sobre o amor, dizendo que ele traduz a experiência viva do grupo e a relação entre orientação, amizade e cuidado. Isabella fez crítica ao abstracionismo acadêmico, lembrando que o trabalho não pode ser discutido sem trabalhadores. Adelany reforçou que os textos têm vida e que essa vida cria conexões reais entre o livro e a experiência das pessoas. Eu refleti o texto *Quanto custa uma palavra*, assinalando que a palavra em certos contextos custa caro para quem está do lado mais frágil da relação. **A cada resposta ficava mais claro que John não estava apenas escrevendo sobre trabalho, mas nomeando o que o trabalho faz com a vida, com a família, com a escola, com o corpo, com o amor, com o sofrimento e com a esperança.** Enfim, o tempo passou, a reunião acabou, a luz não voltou e eu não percebi que a muriçoca me picou. Abraços.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical e do Grupo de Estudos MultiVisat. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.